Por que homens

FREQUENTE NO CINEMA, o tema não raro é retratado com romantismo e glamour, como no sucesso *Uma linda mulher* (1990), com Julia Roberts no papel principal

pagam por sexo

A SEXUALIDADE, ESPECIALMENTE A FEMININA, É UM TERRITÓRIO COMPLEXO. AO LONGO DOS SÉCULOS HOUVE UM SEM-NÚMERO DE TENTATIVAS DE MEDICALIZÁ-LA OU NORMATIZÁ-LA. TALVEZ POR ISSO ESSE TIPO DE COMÉRCIO ENVOLVA TANTOS TABUS

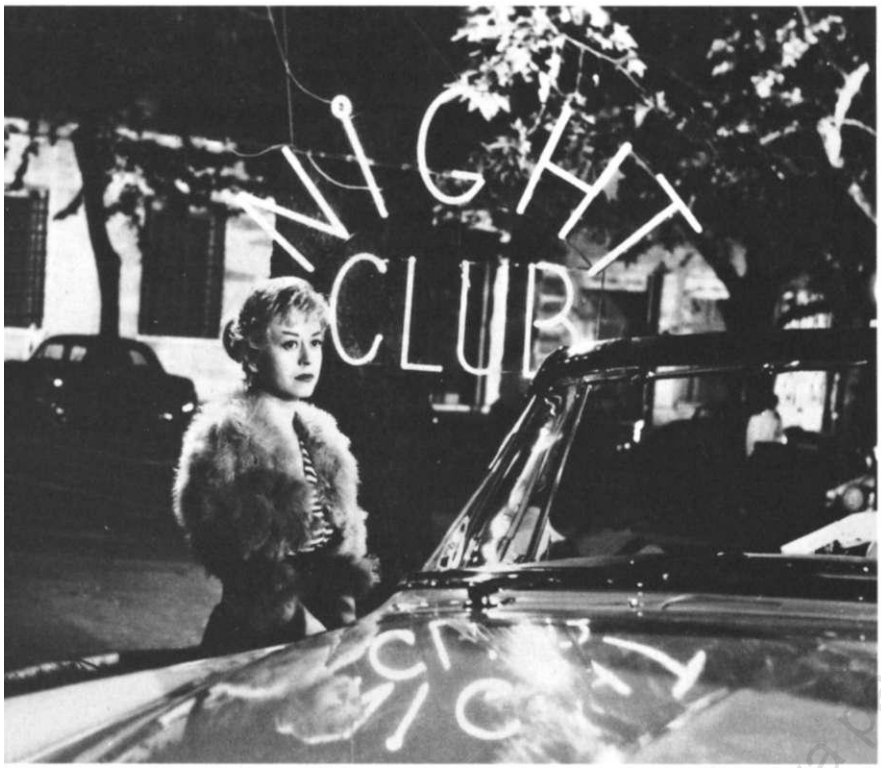
por Fernanda Teixeira Ribeiro

Desde que desmanchou o namoro, há quase duas décadas, o cartunista canadense Chester Brown, de 53 anos, faz sexo somente com prostitutas. Para ele, negociar o próprio corpo é tão digno quanto trocar tempo e recursos intelectuais por salário. Ele contrata as mulheres através de sites da internet, onde avalia fotos, lê comentários deixados por outros clientes e combina com antecedência o preço e os limites do programa. "Tenho dois desejos contraditórios: o de transar e o de não ter um relacionamento", reflete em *Pagando por sexo* (WMF Martins Fontes, 2012), um franco relato em quadrinhos de suas experiências com prostitutas. Cartunista reconhecido, amável e considerado pelos amigos um "bom marido em potencial", Brown chocou muita gente quando tornou pública sua opção.

"A prostituição costuma ser abordada em debates abstratos que, geralmente, omitem aspectos essenciais: desejos, emoções e sentimentos de quem faz as transações sexuais", escreve a socióloga Laura Augustin, da Universidade de Neuchâtel, na Suíça, autora de *Sexat the margins - Migration, labour markets and the rescue industry* (Sexo nas margens - Migração, mercados de trabalho e a indústria do resgate, Zed Books, sem tradução para o português). Segundo Laura, a maioria dos estudos se atém a contextos sociais nos quais a prostituição geralmente está presente, como miséria e comércio de drogas ilícitas, tendendo à "vitimização" da pessoa que vende sexo: ela o faz, é a conclusão mais frequente, por coação ou falta de alternativa. Outros reforçam estereótipos sobre quem compra esses serviços. Um trabalho coordenado em 2011 pela psicóloga Melissa Farley, diretora da organização não governamental (ONG) Prostitution Research and Educa-

A AUTORA
FERNANDA TEIXEIRA RIBEIRO, jornalista, editora-assistente de Mente e Cérebro

Reprodução deste artigo é exclusiva para fins educacionais.



NOITES DE CABÍRIA (1957), de Federico Fellini: moça ingênua procura amor nos clientes

tion, entrevistou 200 homens para traçar o perfil de "homens que aceitam pagar por sexo", comparando crenças e opiniões de "compradores" às de "não compradores". Uma das conclusões foi que os primeiros são oito vezes mais propensos a estuprar uma mulher se tiverem certeza de que não podem ser descobertos e também a cometer crimes em geral, como roubo e vandalismo. É interessante, porém, atentar para os critérios usados para diferenciar os dois grupos. Ao recrutar voluntários, a psicóloga deparou com a dificuldade em encontrar homens não compradores, pois a maioria pagava por sexo, mesmo que indiretamente-porexemplo, adquirindo material pornográfico ou visitando clubes de strip-tease com amigos. Tanto que Melissa afrouxou os requisitos: foram considerados não compradores os voluntários que não usaram sites ou revistas com material pornográfico no mês anterior à pesquisa ou que não foram a bares com shows de strip-tease mais de duas vezes pelo menos um ano antes. Além disso, a pesquisa foi feita nos Estados Unidos, onde a prostituição é ilegal na maioria dos estados.

A utilização deste artigo é exclusiva para fins educacionais

A atividade deve ser regulamentada?

Não, é uma forma de violência e resquício do patriarcado

Uma das principais críticas à prostituição é que ela é a expressão máxima de uma cultura que considera a mulher um objeto. Dessa perspectiva, mulheres adultas que optam por comercializar o próprio corpo são sempre vítimas, mesmo que não tenham consciência disso. "O contrato 'sexo por dinheiro' sugere uma voluntariedade e reciprocidade que não existe. A relação é sempre de poder, que reproduz ideias enraizadas em nosso imaginário social de que a mulher serve e dá prazer ao homem", diz a socióloga e psicanalista Julia O'Connel Davidson, da Universidade Britânica de Nottingham.

Segundo Julia, esse significado da figura da prostituta transparece na epopeia *Gilgamesh*, poema épico da Mesopotâmia escrito em 700 a.C. – a prostituta Shamhat é enviada à floresta para seduzir o guerreiro Enkidu, um homem selvagem, que vive em comunhão com os animais. Depois de manter relações com ela, ele começa a se aproximar da civilização e a se distanciar dos bichos. De acordo com o mito, a prostituta é purificadora: ela limpa as forças instintivas do homem, que o embrutecem e o aproximam dos animais. Esse ponto de vista do papel depurativo da prostituta permanece até hoje. Não raro ela é vista como válvula de escape para desejos que não podem ser vivenciados com a "mãe de seus filhos". "Na verdade, esse pensamento oculta um aspecto essencial: violência contra as mulheres", diz Julia.

Para a filósofa Christine Overall, da Universidade Queen, no Canadá, enquanto a mulher estiver em posição economicamente inferior, a prostituição sempre estará associada à coerção. "Os antigos contratos matrimoniais concediam ao homem acesso irrestrito a corpos femininos. O homem, provedor dos recursos financeiros, tinha assegurado seu direito de dispor sexualmente do corpo de sua mulher. Obrigar a parceira ao sexo não era considerado abuso. De forma semelhante, a prostituição não se restringe à venda da força de trabalho, mas da transformação da mulher em objeto, reproduzindo modelos antigos de dominação."

Logo, o mais provável é que o grupo dos "compradores de sexo" da pesquisa seja mais propenso a desobedecer às leis de forma geral. Ou mesmo a procurar mulheres que, por praticar atividade ilegal, não tenham a quem recorrer caso sofram violência. É difícil traçar um perfil de quem paga por sexo sem considerar o contexto social.

Estudos realizados em países onde a prostituição é legal, aliás, sugerem que o "perfil" médio desses homens se aproxima mais ao de Chester Brown, citado no início do texto, que ao do homem propenso à violência e ao crime. Nos anos 90, o psicólogo Dieter Kleiber, professor da Universidade Livre de Berlim, entrevistou 600 clientes de prostitutas e descobriu que o tipo mais frequente é o que ele chama de "romântico", que acredita no ideal tradicional de amor e deseja intimidade e proximidade. "Esses homens se envolvem emocionalmente com as prostitutas", diz Kleiber. Nos questionários respondidos, muitos concordam com afirmações como: "Eu não teria problemas em imaginar a prostituta com quem saio como minha mulher". Não raro, descrevem o relacionamento com elas como íntimo e de confiança.

A maioria dos voluntários usou adjetivos como "charmosas", "simpáticas", "inteligentes" e "espirituosas" para caracterizar as prostitutas. Vários deles se referiram à "mulher perfeita que gostariam de conhecer melhor". Os participantes do estudo também passaram por testes de personalidade e não foi constatada nenhuma peculiaridade em relação a homens que não pa-

CATHERINE DENEUVE, EM *A BELA DA TARDE* (1967): dona de casa infeliz tem vida dupla em bordel

IMAGENS: DIVULGAÇÃO

Publicação deste artigo é exclusiva para assinantes

Sim, cada um faz o que quer com o próprio corpo

Em 2012, a ministra dos Direitos das Mulheres da França, Najat Vallaud-Belkacem, afirmou a intenção de ver a prostituição desaparecer. Ela define a venda de sexo como uma forma de escravização da mulher, onde não há autonomia. A declaração da ministra causou reação enfurecida de organizações de profissionais do sexo. Em um manifesto do Sindicato dos Trabalhadores do Sexo (Strass), ela é acusada de tentar impor um ideal feminista que não considera as mulheres adultas que optam conscientemente por comercializar o próprio corpo. Essa visão, afirmam os manifestantes, parte de dois postulados discutíveis: pagar por sexo é um atentado à dignidade das mulheres; prostitutas são vítimas, compradores de sexo são canalhas. Enfim, fala-se muito em exploração sexual e praticamente todo mundo concorda em combater relações baseadas na violência, como o tráfico de mulheres com fins sexuais; mas poucos estão dispostos discutir até que ponto o Estado pode interferir no que cada pessoa faz com o próprio corpo ou em práticas consensuais entre adultos.

JANE FONDA vive garota de programa ameaçada de morte em *Klute*, o passado condena (1971)

Nos anos 70, o filósofo Michel Foucault comparou a prostituição ao uso de drogas ilícitas – ambos são fonte de prazer e possivelmente nunca deixarão de existir, pois ocupam lugar no psiquismo. Os desejos sexuais precisam ser violentamente reprimidos para atender às exigências de uma sociedade monogâmica. Como é difícil manter relações sexuais fora de relacionamentos estáveis, as pessoas compram sexo. Enquanto ele for um produto em escassez, seu mercado continuará existindo. Assim, a repressão da sexualidade feminina – na maioria das sociedades, a mulher que "se preserva" ainda é mais valorizada – é possivelmente o principal motivo de a grande maioria das ofertas ser dirigida aos homens.

POR NIKOLAS WESTERHOFF, doutor em psicologia e jornalista científico

Para Michel Foucault, **desejos precisam ser reprimidos para atender às exigências de uma sociedade monogâmica**; como é difícil satisfazê-los fora de relações estáveis, o sexo se torna mercadoria

gam por sexo. No entanto, ficou claro que aqueles que preferem manter relações sem preservativo com profissionais do sexo são mais agressivos e tendem a impor suas opiniões. Chama a atenção também o fato de a relação sem proteção ser praticada principalmente por homens casados e bem-sucedidos profissionalmente. "Quanto mais segura e organizada a vida de um homem, maior a tendência de ele se considerar invulnerável", interpreta Kleiber.

As declarações dos voluntários podem parecer contraditórias, considerando que se trata de uma transação comercial, normalmente liquidada em meia hora. No entanto, é comum que muitos mantenham relações com uma mesma profissional: segundo Kleiber, um em cada quatro clientes já dormiu mais de 100 vezes com a mesma mulher. A socióloga Janet Lever, da Universidade da Califórnia, que entrevistou mais de 2 mil prostitutas de Los Angeles, reforça esses dados - aproximadamente metade dos clientes de uma prostituta são assíduos. Dessa perspectiva, é compreensível a percepção de intimidade de alguns. O próprio Brown se encaixa na estatística: durante os últimos seis anos ele tem mantido relações com uma única prostituta - que curiosamente também tem apenas ele como cliente-, aquem remunera sem falta ao final de cada encontro.

MAIOR AUTONOMIA

Prostituição sempre existiu, mesmo em países onde é proibida, como os Estados Unidos - que lucram, aliás, bilhões de dólares por ano com a pornografia, como produção de filmes eróticos, sexo por telefone etc. O Brasil adota o sistema legal da maioria dos países, no qual vender ou comprar sexo não é crime, mas explorar a atividade, através de casas de prostituição ou de um agenciador, é. A prostituta é vista como uma "vítima" que comercializa o sexo apenas por coação. Obviamente, há mulheres e meninas que são levadas a se prostituir pela miséria e não raro são exploradas por agenciadores. O sistema legal, no entanto, sem nenhuma mudança desde o último Código Penal de 1942, não dá conta da nova realidade da prostituição. Há cada vez mais mulheres negociando diretamente com os clientes - pela internet ou por telefone, elas têm a autonomia de recusar e definir os termos dos encontros.

Em discussão na Câmara, o projeto de lei "Gabriela Leite", do deputado Jean Wyllys, propõe a regulamentação da profissão: a prostituta poderia trabalhar como autônoma ou em casas de prostituição - que passariam a ser permitidas. O texto distingue, ainda, venda de sexo de exploração sexual, identificada como a apropriação total ou maior que 50% do rendimento por um terceiro; o não pagamento pelo serviço sexual contratado; ou a imposição da prática por ameaça ou violência. A proposta é que o projeto seja aprovado antes da Copa do Mundo de 2014, quando teoricamente a demanda por serviços sexuais, por causa do turismo, pode aumentar no país. O nome do projeto se refere à ex-prostituta Gabriela Leite, criadora da organização não governamental (ONG) Davida, que reivindica políticas públicas para profissionais do sexo, e do jornal *Beijo da Rua*, que publica artigos acadêmicos sobre prostituição. "Depois de 30 anos de militância estou muito cansada da mesmice que fortalece o preconceito. Ver a prostituição, a prostituta e a indústria do sexo como parte e criação da mesma sociedade que estigmatiza e discrimina é meio caminho andado para avançar e sair da hipocrisia", afirma Gabriela na última edição do jornal, de 2012. Como escreveu o pensador Michel Foucault, "a insistente moralização condenou a

PROTAGONISTA DE *NUNCA AOS DOMINGOS* (1960) escolhe com quem vai para a cama por dinheiro

Autorização deste artigo e exclusiva para fins educacionais.

VIVER A VIDA (1962), de Jean-Luc Godard: aspirante a atriz entra na profissão por falta de alternativa

IMAGENS: DIVULGAÇÃO

prostituição à semiclandestinidade e a tornou naturalmente cara".

Para Kleiber, profissionais do sexo desempenham função semelhante à figura materna. "Elas oferecem estabilização psíquica e empatia, sem o ônus de investir em um relacionamento e correr o risco de rejeição", diz. Muitos buscam proximidade real. Segundo Janet, eles frequentemente fazem perguntas pessoais às prostitutas antes e depois do sexo. Não raro muitas sofrem de esgotamento emocional porque sua rotina profissional é uma montanha-russa psíquica: por um lado, precisam se fechar emocionalmente para vender a relação sexual como produto; por outro, os clientes esperam atenção e receptividade. O flerte com a ultrapassagem desses limites é com frequência o tipo de interação procurado por muitos clientes.

INTIMIDADE EM CIFRAS

Essa visão, porém, é questionada por muitos pesquisadores. A socióloga e psicanalista Julia O'Connel Davidson, da Universidade Britânica de Nottingham, por exemplo, considera problemático apresentar o cliente de prostitutas como alguém que precisa comprar sexo para assim curar seus próprios problemas psíquicos ou sexuais. Os motivos verdadeiros, segundo ela, seriam ocultados. Na verdade, diz ela, vários compradores de sexo querem vingar-se das mulheres ou controlá-las - mesmo que declarem algo diferente.

Julia descreve-os como necrófilos sociais, que se deslocam para o submundo para dar vazão aos seus desejos com mulheres socialmente "mortas". "Quando um homem paga uma mulher, ele se libera da obrigação de envolvimento com ela como ser humano. O desejo do cliente se deveria ao fato de ele não precisar se preocupar com a psique de uma prostituta. É a vulnerabilidade da mulher que o atrai", diz. Páginas na internet reforçam essa perspectiva. Com frequência, clientes buscam mulheres dispostas a negociar fantasias explícitas de submissão humilhantes e misóginas. Para muitos deles, acredita Julia, a cama de uma prostituta significaria o último bastião antifeminista, campo no qual é possível recuperar as antigas relações de poder.

A ideia faz sentido. A procura por sexo pago é proporcional ao paternalismo de uma sociedade. Nos anos 40, o pioneiro dos estudos sobre sexualidade Alfred Kinsey estimava que quatro entre dez homens iam regularmente a bordéis. Hoje, por exemplo, nos Estados Unidos e na Inglaterra essa estatística não ultrapassaria os 10% - e a prostituição não é ilegal neste último país. Sobre um aspecto, a maioria dos pesquisadores concorda: aparentemente, a posição social da mulher e as leis de um país oferecem bons indicativos sobre as fantasias e os motivos de um comprador de sexo heterossexual.

A sexualidade, especialmente a feminina, é um território complexo. Ao longo dos séculos houve um sem-número de tentativas de medicalizá-la ou normatizá-la. Talvez por isso a prostituição envolva tantos tabus. Mesmo em situações sociais "ideais" - onde não há coação nem miséria - poderá haver homens que queiram comprar sexo e mulheres que desejem vendê-lo. A sexualidade está além do controle e da regulação.

PARA SABER MAIS

História da sexualidade. Michel Foucalt. Graal Editora, 2010.

Prostitution: Power and freedom. Julia O'Connel Davidson. The University of Michigan Press, 1998.

Autorizado o uso deste artigo é exclusivo para fins educacionais.

Fonte: Mente&Cérebro, São Paulo, ano 19, n. 244, p. 52-57, maio 2013.